



IV COLÓQUIO FEMINISMO NEGRO

**" Acadêmicas, trabalhadoras e militantes:
a representatividade das mulheres negras
em diferentes espaços"**

Homenagem a Ruth de Souza



A IDENTIDADE NA ATUALIDADE DA MULHER NEGRA NO BRASIL

Suzie Keilla Viana da Silva, [1], Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil. Programa de pós graduação em Ciências Sociais Aline Barros de Souza [2], Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil. Programa de pós graduação em Ciências Sociais.

contato: suziekeilla72@gmail.com
alinebarrossouza@gmail.com

RESUMO

Compreender a identidade na atualidade da mulher negra no Brasil é de suma importância para a compreensão da conjuntura contemporânea, bem como para analisar o espaço que esta ocupa na sociedade. O presente artigo tem como objetivo compreender a posição da mulher negra no País, seu contexto histórico, e reposicionamento perante a sociedade. Mediante pesquisas bibliográficas, entender o racismo sofrido pela mulher negra perante aos homens e as mulheres brancas, comparada a objetos de seus senhores durante a escravidão, seu avanço e crescimento no Brasil, considerando o aumento do grau de escolaridade, renda, e tornando-se empreendedora e chefe de família. Contudo, é possível concluir que o processo histórico das mulheres negras fez com que ela criasse a sua identidade perante a sociedade, as mulheres negras a cada dia avançam um degrau para que essa igualdade saia dos papéis, que a diferença da cor não seja barreira para serem ou não aceitas em determinados locais.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres negras. Sociedade. Racismo.

INTRODUÇÃO

No período escravocrata a mulher negra era aquela que não possuía vida psicológica, afetiva e intelectual. Enquanto a mulher branca era "guardada e vigiada", a mulher negra era submetida ao abuso sexual, ao estupro e a humilhações, estuprar uma mulher negra não era crime, e sim um sinal de virilidade do homem branco (Santos, 2009).



IV COLÓQUIO FEMINISMO NEGRO

**" Acadêmicas, trabalhadoras e militantes:
a representatividade das mulheres negras
em diferentes espaços"**

Homenagem a Ruth de Souza



Na realidade do nosso País, os brasileiros são compostos do cruzamento de brancos que vieram por meio da emigração para explorar o Brasil junto às índias nativas, mas as negras foram capturadas, sequestradas, e brutalmente amarradas e enviadas para serem escravizadas em nosso País. Com isso se deu uma falsa tolerância às miscigenações, e podemos entender o discurso ideológico sobre a identidade “amarela” e “branca” do povo brasileiro, esquecendo-se que a origem é de uma pigmentação escura.

Na contemporaneidade, a mulher negra, por diversas vezes têm se mostrado a mantenedora da família, não só no contexto atual, em que sozinha cria e educa seus filhos, como também no passado. Isso por que, após a abolição e a imigração européia, não havia mercado de trabalho para o homem negro, então, coube a mulher negra o sustento da família, com o trabalho nas casas dos ex-senhores, como também a venda de quitutes.

De acordo com Santos (2009), a mulher negra necessita ser valorizada não só pelos deliciosos quitutes, pelo seu molejo contagiante, pelo corpo sensual, mas principalmente pelas suas qualidades como ser humano, pelos seus dotes intelectuais. O mundo tem mostrado que é tempo de mudança, sendo a melhoria da posição social do negro e especificamente da mulher negra, o resultado de um esforço gigantesco. Homens e mulheres afro-descendentes têm lutado para levar dignidade ao povo negro, resgatar a sua identidade e auxiliar na busca da ascensão social.

Mediante a isso a mulher negra no Brasil continua sendo injustiçada na escala social, sofrendo discriminações, portanto, prolongando a realidade na qual já vivia no período de escravidão. Contudo, o tema identidade da mulher negra é muito complexo, pois não há a possibilidade de fragmentação *versus* atualidade, tornando-se incongruente de ser tratado isoladamente, todavia, no contexto deste estudo, vamos focalizar a realidade contemporânea.

METODOLOGIA

Com o intuito de buscar compreender a posição da mulher negra no País, seu contexto histórico, e reposicionamento perante a sociedade, é de suma importância o levantamento bibliográfico dos estudos que retratam esta realidade.



IV COLÓQUIO FEMINISMO NEGRO

**" Acadêmicas, trabalhadoras e militantes:
a representatividade das mulheres negras
em diferentes espaços"**

Homenagem a Ruth de Souza



De modo a contemplar a posição da mulher negra no País, optou-se como trajetória deste estudo a pesquisa qualitativa. Nesta modalidade não se busca entender o fenômeno em si, mas compreender seu significado individual ou coletivo na vida do indivíduo. O pesquisador qualitativista não busca explicar as ocorrências com as pessoas individualmente ou coletivamente, de modo a mensurar seus comportamentos, e sim objetiva conhecer a fundo as vivências e que representações essas pessoas tem das experiências de vida. (Turato, 2005). Entre as abordagens qualitativas, será utilizado o método de levantamento bibliográfico para a coleta de dados.

A MULHER NEGRA NO BRASIL

No Brasil a mulher negra está relacionada a um ciclo de discriminação social e marginalização por todo seu contexto histórico que necessita de novas soluções para todo um sofrimento já vivido, e que na atualidade é ainda muito presente. De acordo com pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), ser mulher e negra no Brasil significa trabalhar mais, ganhar menos e viver limitadas as oportunidades em um mercado de trabalho, cuja dominação é pertencente aos homens, apesar dos avanços registrados nas duas últimas décadas.

Dentro da história, mulheres brancas e negras sempre sofreram com o machismo, porém ainda existia uma diferença entre elas dentro de casa, o racismo, no qual a Patroa era sempre a mulher branca que tinha o papel de mandar e a negra seguir tudo o que lhe era estipulado, não podendo desobedecer para não ser punida, além do que, serviam de objeto para o prazer dos seus senhores, sendo estupradas e marginalizadas.

Dentro da nossa sociedade ao discutir o tema mulheres negra, é entrar em um espaço de minoria, conforme exposto por Sodré:

A noção contemporânea de minoria refere-se à possibilidade de terem voz ativa ou intervirem nas instâncias decisórias de poder aqueles setores sociais ou frações de classe comprometidas com as diversas modalidades de lutas assumidas pela questão social. Por isso são considerados minorias, os negros (2005, p.11-12).



IV COLÓQUIO FEMINISMO NEGRO

**" Acadêmicas, trabalhadoras e militantes:
a representatividade das mulheres negras
em diferentes espaços"**

Homenagem a Ruth de Souza



A mulher negra sofre com o racismo e em grande parte é estereotipada por ter um corpo sensual, porém ela precisa ser valorizada enquanto ser humano detentora de suas subjetividades, sentimentos, sonhos e sua inteligência.

Mediante todo o sofrimento causado no decorrer da história, para minimizá-los atualmente existe o “movimento das mulheres negras”, formado por ativistas negras que buscam uma identidade política a partir da reivindicação de um passado de desigualdades e melhorias nas condições de vida, como afirma Jurema Werneck, de que “o enfrentamento ao racismo é fundamental e prioritário”, pois se constitui no “principal fator de produção de desigualdades seja entre mulheres e homens, seja entre mulheres” (2007, p. 1). Para a diminuição da desigualdade entre homens e mulheres foi criado o PNPM (Plano Nacional de Políticas para as Mulheres) em 2004, porém o plano de políticas Universais tinha como base as mulheres brancas, não levando em consideração as desigualdades entre elas.

O novo PNPM (Plano Nacional de Políticas para as Mulheres) de 2013/2015 reforçou-se o Eixo nove, que possibilita a ampliação de ações que contribuem para romper e enfrentar o racismo, sexismo e lesbofobia.

A articulação entre o sexismo e o racismo incide de forma implacável sobre o significado do que é ser mulher negra no Brasil. O racismo constrói uma postura hierárquica que ser negra significa ser inferior. O sexismo por sua vez desqualifica a mulher, hierarquiza as relações de gênero, impõe a heteronormatividade como única forma do exercício da sexualidade e considera desviante e negativa o exercício das relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo. Assim, estimula a discriminação, autoriza o preconceito e promove a cultura de ódio e criminaliza na prática as relações entre pessoas homossexuais (PNPM 2013-2015 p.84).

Em Setembro do ano de 2000 foi fundada a AMNB (Articulação de Organizações de Mulheres Negras Brasileiras) com o objetivo inicial de permitir o protagonismo das mulheres negras durante o processo de realização da III Conferência Mundial contra o Racismo, Xenofobia e Intolerâncias Correlatas (África do Sul, 2002).

Após a Conferência, a AMNB continua na luta para conquistar espaços sociais nos quais as mulheres negras não tinham acesso, com a perspectiva de desenvolver a



IV COLÓQUIO FEMINISMO NEGRO

**" Acadêmicas, trabalhadoras e militantes:
a representatividade das mulheres negras
em diferentes espaços"**

Homenagem a Ruth de Souza



inclusão da mulher na sociedade quebrando as barreiras de espaços que antes não lhes eram reservada perante a sociedade.

A condição de mulher e negra, os papéis históricos que as mulheres negras desempenham nas suas comunidades, a comunidade de destino colocada para homens e mulheres negras pelo racismo e pela discriminação impedem que os esforços de organização das mulheres negras possam se realizar dissociados da luta geral de emancipação do povo negro. Portanto, o ser mulher negra na sociedade brasileira se traduz na tríplice militância contra os processos de exclusão decorrentes da condição de raça, sexo e classe. Isto é, por força das contradições que o ser mulher negra encerra, recai sobre ela a responsabilidade de carregar politicamente bandeiras históricas e consensuais do movimento negro e do movimento de mulheres e somar-se ainda aos demais movimentos sociais voltados para a construção de outro tipo de sociedade, baseada nos valores da igualdade, solidariedade, respeito à diversidade e justiça social (CARNEIRO, 2002, p.181).

No contexto vivido pela mulher negra, infelizmente não devemos deixar de pontuar a violência sofrida por estas. Em diversos países, as mulheres negras aparecem como maioria das vítimas em diversos indicadores de violações de direitos humanos – e no Brasil não é diferente. Dados da Central de Atendimento à Mulher – Ligue 180 relativos ao ano de 2013 apontam que 59,4% dos registros de *violência doméstica* no serviço referem-se a mulheres negras. O *Dossiê Mulher 2015*, do Instituto de Segurança Pública do Rio de Janeiro, aponta que 56,8% das vítimas dos estupros registrados no Estado em 2014 eram negras. E 62,2% dos homicídios de mulheres vitimaram pretas (19,3%) e pardas (42,9%).

A violência contra as mulheres é produto da combinação de outros marcadores sociais, além das desigualdades associadas aos papéis atribuídos ao gênero masculino e feminino. No Brasil, raça e etnia são elementos fundamentais para a compreensão e enfrentamento ao processo de violação de direitos das mulheres, dentro e fora de casa.



IV COLÓQUIO FEMINISMO NEGRO

**" Acadêmicas, trabalhadoras e militantes:
a representatividade das mulheres negras
em diferentes espaços"**

Homenagem a Ruth de Souza



A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Na construção da identidade, podemos considerar a identidade individual ou, autoconceito, e identidade social ou, a forma como alguém define a si próprio em relação à outra ou outras pessoas e grupos (TAJFEL; TURNER, 1986).

Quando os grupos de negros foram trazidos da África para servirem de mão de obra escrava, tudo o que eles tinham de autoconhecimento e sociabilidade precisou ser renunciada, pois sendo escravizados não era mais possível viver os saberes comuns, com isso se criou uma nova identidade.

A formação da identidade ocorre também nos níveis local e pessoal. As mudanças globais na economia como, por exemplo, as transformações nos padrões de produção e de consumo e o deslocamento do investimento das indústrias de manufatura para o setor de serviços têm um impacto local (SILVA, 2000, p.28).

Quando abordado a identidade da mulher negra, podemos considerar que está passando por um processo de redefinição. Assumir a identidade negra é uma conquista. “A gente nasce preta, mulata, parda, marrom, roxinha, dentre outras, mas tornar-se negra é uma conquista”. De acordo com Carneiro, (2003) “é em meio a esta dinâmica que o processo de emancipação, de busca de igualdade de direitos das mulheres negra ganha força, estabelecendo novos desafios”.

De acordo com Munanga (2004), a sociedade prega o branqueamento da sociedade, e mediante a isso, foi constituído o princípio da igualdade principalmente nos países que tiveram sua formação baseada na exploração de outros povos, como no caso do Brasil. Munanga traz uma indagação que merece ser refletida:

Como formar uma identidade em torno da cor e da negritude não assumida pela maioria cujo futuro foi projetado no sonho do branqueamento? (MUNANGA, 2004. p.137).



IV COLÓQUIO FEMINISMO NEGRO

" Acadêmicas, trabalhadoras e militantes:
a representatividade das mulheres negras
em diferentes espaços"

Homenagem a Ruth de Souza



A presença dos homens negros vem crescendo a cada ano em diversos setores da sociedade, no Brasil bem mais da metade da população são negros, isto faz com que a representatividade das mulheres negra ganhe muito espaço, quebrando paradigmas e reformulando padrões tornando-se ativa na política, no processo de democratização e a luta contra a opressão de gênero e de raça.

Uma das características a ser ressaltada da composição da população brasileira refere-se ao quesito cor/raça e etnia. Entre as mulheres, que representam mais da metade da população brasileira (51,5%), as negras são metade deste contingente feminino, ou seja, representavam, em 2011, 50,2 milhões de brasileiras. (PNAD/IBGE).

Contudo, não podemos esquecer que muitas mulheres negras ainda sofrem com o racismo, salários e cargos desiguais e as mais diversas formas de violência.

Muitas mulheres têm feito a diferença dentro da sociedade, buscam pelos seus direitos, lutam pela sua igualdade, não só entre homens e mulheres, mas entre mulheres brancas e negras.

Algumas dessas mulheres que ajudaram a tornar o Brasil um lugar melhor foram:

- **Aqaltune:** Filha do Rei do Congo, a princesa foi vendida como escrava para o Brasil, em razão das rivalidades existente entre os diversos reinos africanos. Segundo o que aponta alguns estudos, Aqaltune era avó de Zumbi dos Palmares. Morreu queimada, quando já era idosa.



Figura 1 – Aqaltune

- **Dandara Zumbi:** Foi mulher de Zumbi dos Palmares e o auxiliou em estratégias e



IV COLÓQUIO FEMINISMO NEGRO

" Acadêmicas, trabalhadoras e militantes:
a representatividade das mulheres negras
em diferentes espaços"

Homenagem a Ruth de Souza



planos de ataque e defesa. Dominava técnicas da capoeira e lutou em muitas batalhas a ataques a Palmares.



Figura 2 – Dandara Zumbi

- **Luiza Mahin** – Trazida à Bahia pelo tráfico de escravos, desempenhou importante papel na Revolta dos Malês, última grande revolta de escravos ocorrida em Salvador (1835). Mãe de Luiz Gama, poeta e abolicionista, ela acabou deportada para a África devido à participação em rebeliões negras. Tem seu nome estampado em praça pública, Cruz das Almas, São Paulo.



Figura 3 - Luiza Mahin

- **Antonieta de Barros**: Nascida em 11 de julho de 1901. Foi à primeira mulher a integrar a Assembleia Legislativa de Santa Catarina e é reconhecida como a primeira negra brasileira a assumir um mandato popular.



IV COLÓQUIO FEMINISMO NEGRO

" Acadêmicas, trabalhadoras e militantes:
a representatividade das mulheres negras
em diferentes espaços"

Homenagem a Ruth de Souza



Figura 4 - Antonieta de Barros

- **Ruth de Souza:** A atriz nasceu em 1921 no Rio de Janeiro, foi a co-fundadora do Teatro Experimental do Negro (TEN). Foi a primeira atriz negra a subir no palco do Teatro Municipal do Rio de Janeiro.



Figura 5 - Ruth de Souza

- **Lélia Gonzalez:** Filha de um ferroviário negro e mãe de origem indígena empregada doméstica. Sua trajetória foi de babá à professora universitária. Engajou-se na luta contra o racismo e sexismo na década de 1970, no Rio de Janeiro, ainda um período de forte repressão dos governos militares.



Figura 6 - Lélia Gonzalez

MULHERES NEGRAS NA ATUALIDADE

Com o trabalho dos Estados para a diminuição das desigualdades há um grande avanço das mulheres negras quanto à escolaridade, rendimento, empreendedorismo e qualificação profissional. Vale ressaltar que as mulheres negras desde que chegaram ao Brasil, precisaram se reinventar, no início sendo escravas e aos poucos ganhando liberdade, porém sempre precisando trabalhar. Portanto, pode-se afirmar que são empreendedoras desde o início, desenvolvendo dotes culinários, trabalhos em lavanderias e sendo diaristas em casas de brancos.

O trabalho informal ou autônomo faz parte da demanda feminista desde as décadas de 1960 e 1970. Com todo esse trabalho fez com que a renda da brasileira negra aumentasse e com isso conseguiram se profissionalizar. Isso também se deve as políticas de inclusão social que o governo tem adotado. O Sebrae constatou que a renda e o nível de escolaridade são fatores chave nessa mudança. A renda mensal dos negros subiu 45%, passando de R\$ 786,00 para R\$ 1.138,00, em média.

Entre 2002 e 2012, houve um crescimento de 27% entre negros empreendedores, sendo que em cinco regiões do País, o maior crescimento foram de mulheres negras,



IV COLÓQUIO FEMINISMO NEGRO

**" Acadêmicas, trabalhadoras e militantes:
a representatividade das mulheres negras
em diferentes espaços"**

Homenagem a Ruth de Souza



aponta estudo do Sebrae, feito com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad). Na atualidade, 50% dos donos de negócio são afrodescendentes.

Além de toda responsabilidade e dificuldade que a mulher negra encontra fora do seu lar, estudos mais recentes, constataam que o número de famílias chefiadas por elas cresceu nos últimos anos assumindo assim o papel do homem que na sociedade antiga era o provedor principal do lar.

Todo esse crescimento dentro do mercado de trabalho, reconhecimento perante a sociedade é sim um avanço, que gera independência econômica, reposiciona perante o sistema, sendo estes, fatores de uma lista enorme de vantagens que aos poucos são conquistadas e dá sentido a toda luta e sofrimento já passado. Não é fácil, mas aos poucos vem melhorando.

Um reflexo de todo esse avanço pode ser constatado pela Revista Americana de Negócios e Economia, a Forbes, há alguns anos faz a publicação de uma lista #30under30, é apresentado os 30 jovens que se destacam antes dos 30 anos, entre várias categorias. Em sua publicação do ano de 2016, conta o destaque de 21 meninas negras.

1. Azede Jean-Pierre, 27 anos: Designer de moda
2. Madison Maxey, 22anos: Designer de moda
3. Zendaya, 19: Atriz e Cantora
4. Constance Iloh, 28: Chanceler de pós-doutorado, Universidade da Califórnia, Faculdade de Educação Irvine
5. Alexandria Lafci, 26: Co-fundadora, New Story
6. Catherine Mahugu, 27: Fundadora Sokorevenda on-line
7. Nedgine Paul, 29: Co-fundadora, Anseye Pou Ayiti
8. Mo'ne Davis, 14: Jogadora de beisebol, Little League
9. Habem Girma, 27: Procuradora, Defensoria do direito dos deficientes.
10. Jewel Burks, 26: Co-fundadora, Partpic
11. Nailah Ellis-Brown, 28: Fundadora, Ellis Island Tropical Tea
12. Morgan DeBaun, 25: Co-fundadora, Blavity
13. Zim Ugochukwu, 27: Fundadora, Travel Noire
14. Heben Nigatu, 24 Editora sênior, BuzzFeed
15. Doreen St. Félix, 23: Editora convidada, Lenny Letter
16. Anjelica Nwandu, 25: Fundadora, The Shade Room
17. Kimberly Foster, 26: Fundadora, For Harriet
18. Kehlani, 20: Musicista
19. Kelechi Anyadiegwu, 26: Fundadora, Zuva
20. Candace Mitchell, 28 Co-fundadora, Tecturized, Inc.
21. Christine Souffrant, 26: Fundadora, Vendedy



IV COLÓQUIO FEMINISMO NEGRO

**" Acadêmicas, trabalhadoras e militantes:
a representatividade das mulheres negras
em diferentes espaços"**

Homenagem a Ruth de Souza



Nesta lista ainda não temos uma brasileira, mas toda a luta não está sendo em vão, o crescimento e a liberdade de expressão vêm aumentando, fazendo com que as mulheres negras possam se desenvolver culturalmente, economicamente e socialmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo histórico das mulheres negras fez com que ela criasse a sua identidade perante a sociedade. Há muito a fazer, porém não se pode negar a força que o movimento negro vem atingindo, não somente no Brasil, mas podemos perceber que é um povo unido e que tudo o que faz é para o crescimento e reconhecimento da identidade coletiva dos negros. Fazendo com que os estigmas de inferioridade sejam reinventados, com o ganho da força, aumento de seus estudos, o direito de expressão, do trabalho reconhecido e remunerado.

O Estado tem muitas políticas que beneficiam este desenvolvimento, porém, a sociedade também precisa entender que as mulheres negras ou brancas não são inferiores aos homens, que é necessário ter uma igualdade perante todos.

As mulheres negras a cada dia avançam um degrau para que essa igualdade saia dos papéis, que a diferença da cor não seja barreira para serem ou não aceitas em um determinado local. Muito já foi feito, muito já foi conquistado, portanto, o sonho é para um País mais justo desde que se faça valer a igualdade de direitos a todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento: *Estudos Avançados*, São Paulo, nº 49.2003.

CARNEIRO, Sueli. Gênero e Raça. In: BRUSCHINI, Cristina e UNBEHAUM, Sandra. *Gênero, Democracia e Sociedade Brasileira*. São Paulo: FCC: Ed. 34, 2002. pp. 167-193.

CHAUCHAT, H.; DURAND-DELVIGNE, A. *De l'identité du sujet au lien social*. Paris: Presses Universitaires de France, 1999.

DOSSIÊ Mulheres Negras retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil. Organizadores: Mariana Mazzini Marcondes - Luana Pinheiro - Cristina Queiroz - Ana Carolina Querino- Danielle Valverde© Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Ipea 2013.



IV COLÓQUIO FEMINISMO NEGRO

" Acadêmicas, trabalhadoras e militantes:
a representatividade das mulheres negras
em diferentes espaços"

Homenagem a Ruth de Souza



DOSSIÊ: Violência contra as mulheres. Disponível em:
[<http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/o-dossie/>]. Acesso em 09. Julho. 2017.

EMPREENDEDORAS NEGRAS. MULHER NEGRA EMPREENDENDO. Disponível em:
<http://meninasblackpower.blogspot.com.br/2016/01/conheca-as-21-empendedoras-negras-da.html>]. Acesso em: 01 Mar. 2016.

ERIKSON, Erik. Identidade, Juventude e crise. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, Guanabara, 1987.

GELEDÉS – Instituto da Mulher Negra <www.geledes.org.br> acesso em: 01 Mar. 2016.
<http://www.compromissoeatitude.org.br/>>acesso em: 01 Mar. 2016.
<http://www.brasil.gov.br/>>acesso em: 01 Mar. 2016.

HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. (ORG) Tomaz Tadeu da Silva. 9.ed. *Petrópolis, RJ: Vozes*, 2009.

MULHERES NEGRAS, HITÓRIAS, LUTAS, CONQUISTAS. Disponível em:
[<http://www.palmares.gov.br/?p=1901&lang=es>]. Acesso em: 01 Mar. 2016.

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus Identidade negra. *Belo Horizonte: Autêntica*, 2004.

NOVE MULHERES NEGRAS QUE MUDARAM O MUNDO. Disponível em:
[<http://www.brasil.discovery.uol.com.br/noticias/9-mulheres-negras-que-mudaram-o-mundo/>]. Acesso em: 01 Mar.2016.

SANTOS, S, C, V. A mulher negra brasileira. *Revista África e Africanidades* – Ano 2 - n. 5 - Maio. 2009 - ISSN 1983-2354.

SILVA, Maria Nilza da. Mulheres Negras: o preço de uma trajetória de sucesso. *PUC/SP, Dissertação Mestrado*, 1999.

SODRÉ, Muniz. Por um conceito de minoria. In: BARBALHO, Alexandre e PAIVA, Raquel (orgs.). *Comunicação e cultura das minorias*. São Paulo: Paulus, 2005.

TAJFEL, H.; TURNER, J. The Social Identity Theory of Intergroup Behavior In: WORCHEL, S.; AUSTIN, W. *Psychology of Intergroup relations*. Chicago: Edition Nelson-HalePublishers, 1986.

TURATO. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Rev. Saúde Pública. Universidade Estadual de Campinas*. São Paulo, 2005.

WERNECK, Jurema. Gênero, raça e interseccionalidade. In: ARTICULAÇÃO DE MULHERES NEGRAS BRASILEIRAS – AMNB. Construindo a equidade: estratégia para



IV COLÓQUIO FEMINISMO NEGRO

**" Acadêmicas, trabalhadoras e militantes:
a representatividade das mulheres negras
em diferentes espaços"**

Homenagem a Ruth de Souza



implementação de políticas públicas para a superação das desigualdades de gênero e raça para as mulheres negras. Rio de Janeiro: UNIFEM, 2007. p. 1-3.

WHETTEN, D.; GODFREY, P. *Identity in organizations*. London: Sage Publications, 1998.